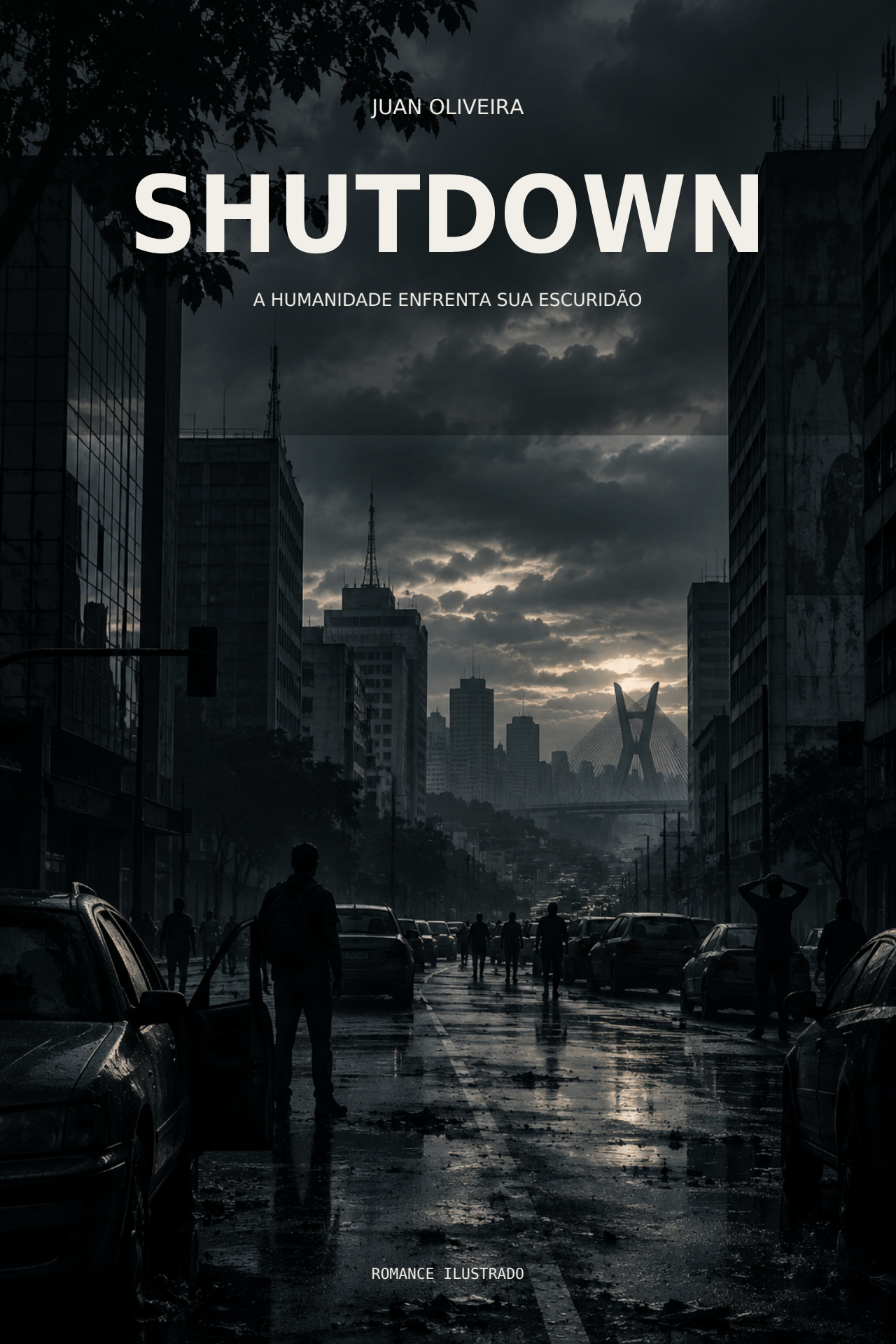

JUAN OLIVEIRA
SHUTDOWN
A HUMANIDADE ENFRENTA SUA ESCURIDÃO
ROMANCE ILUSTRADO

CAPÍTULO 01

O silêncio

Às seis e onze da manhã, o mundo ainda funcionava.

Uma mulher pagou um café aproximando o celular de uma máquina. Um entregador conferiu o mapa antes de sair com a motocicleta. Em um hospital, uma bomba de infusão empurrou outra gota de medicamento para dentro de uma veia. No vigésimo andar de um prédio da Avenida Paulista, um homem que possuía onze imóveis reclamou porque o aplicativo do banco demorava a abrir.

Nada daquilo parecia extraordinário. Era esse o problema.

Na Universidade Federal, Elena Cardoso observava uma linha verde cruzar a tela do osciloscópio. A linha devia ser irregular. Havia três horas, no entanto, apresentava a mesma pequena deformação a cada sessenta segundos: um dente quase imperceptível seguido de uma pausa de quatro milissegundos.

Ela ajustou a escala.

O dente continuou lá.

— Você ainda está procurando defeito onde não tem? — perguntou Diego, da porta do laboratório.

Trazia duas xícaras de café e a expressão de quem havia dormido mal por escolha própria. Elena aceitou uma delas sem desviar os olhos do monitor.

— Olha isso.

— Se for outra interferência do elevador, eu me demito.

— O elevador está desligado desde as cinco. Pedi para a manutenção cortar o circuito.

Diego se aproximou. Era engenheiro de sistemas embarcados e tinha o hábito irritante de encontrar soluções simples para problemas que Elena preferia considerar complexos.

— Sessenta segundos — ele disse. — Relógio de alguma coisa.

— De dezessete coisas. Todas na mesma frequência.

Ela apontou para as outras telas. Eram medições de dispositivos instalados em pontos diferentes da cidade: uma estação meteorológica, um pequeno banco de baterias, um controlador de tráfego e equipamentos de duas redes independentes. Nada que devesse conversar entre si.

— Pode ser a sincronização pelo tempo da rede — Diego sugeriu.

— Também pensei nisso. Desconectei os receptores ontem à noite.

Ele ficou em silêncio. Elena conhecia aquela pausa. Era o momento em que Diego deixava de querer estar certo.

— Então o que está sincronizando esses aparelhos?

Elena pegou o caderno aberto ao lado do teclado. Na página, havia uma sequência escrita à mão: 06:12:00.

— Não sei. Mas acho que vamos descobrir em menos de um minuto.

Diego sorriu, sem humor.

— Isso foi dramaticamente específico.

O relógio digital na parede mudou para 06:11:58.

Às seis e doze, a linha verde ficou perfeitamente reta.

O condicionador de ar parou primeiro. Não houve estalo; apenas o desaparecimento de um ruído tão constante que

nenhum dos dois o percebia mais. Em seguida, o monitor piscou e morreu. As luminárias apagaram. O zumbido dos servidores no corredor cessou como se alguém tivesse fechado uma porta.

Diego continuou com a xícara suspensa perto da boca.

— Acabou a energia.

Um segundo depois, a luz de emergência acendeu acima da saída. Elena respirou, aliviada por um instante. Mas a lâmpada vermelha pulsou duas vezes e se apagou também.

— A bateria também? — Diego murmurou.

O telefone de Elena vibrou dentro do bolso. Ela o tirou depressa. A tela estava acesa, com oitenta e três por cento de carga, mas não havia sinal de operadora. Nem rede sem fio. O relógio marcava seis e doze.

Ela tentou ligar para a mãe. A chamada nem chegou a começar.

— A minha mãe está no oxigênio — disse.

Diego pousou o café.

— Ela tem cilindro de reserva, não tem?

— Tem. O concentrador está ligado na tomada.

— O cilindro dá para quantas horas?

— Depende da vazão.

A resposta saiu seca demais. Elena conhecia a vazão. Sabia a autonomia, as instruções, os riscos. O que não sabia era se alguém havia acordado sua mãe e trocado a mangueira do aparelho antes que o ar parasse de circular.

Correu para a porta.

No corredor, outras pessoas saíam dos laboratórios. Um pesquisador ainda apertava o botão do elevador. A caixa

metálica estava parada entre dois andares e, de dentro dela, alguém golpeava a porta.

— Pela escada! — Elena gritou.

Ao descerem, ouviram o primeiro som de vidro quebrando. Veio da rua, não do prédio. Depois, buzinas. Muitas. Uma sequência de batidas distantes, seguida por gritos.

Quando alcançaram o térreo, São Paulo já começava a mostrar o que um minuto sem coordenação podia fazer.

Os semáforos estavam apagados. Um ônibus havia atravessado parcialmente o cruzamento, bloqueando um automóvel e uma motocicleta caída. Pessoas tentavam afastar o motociclista do asfalto. Um entregador segurava o celular acima da cabeça, procurando um sinal que não existia. Mais adiante, o portão elétrico de uma garagem prendia um carro pela metade.

Tudo continuava absurdamente comum — os edifícios, o céu nublado, o cheiro de pão vindo de uma padaria — exceto pelo fato de que ninguém sabia mais como fazer a cidade se mover.

— É só um apagão — alguém repetia perto do ponto de ônibus.

— Em meia hora volta.

Elena desejou acreditar.

Na calçada, um homem de camisa social discutia com o motorista de um aplicativo. Queria pagar em dinheiro. O motorista respondeu que não aceitava uma corrida cujo valor não podia consultar. Os dois se olharam como se um deles tivesse quebrado uma regra moral.

— Eu pago o triplo — disse o passageiro.

— Triplo de quanto?

Nenhum soube responder.

Elena abriu novamente o telefone. Sem serviço. Tentou uma mensagem. Nada. O mapa exibiu apenas os quarteirões que haviam ficado salvos na memória.

— Meu carro está no estacionamento de baixo — Diego disse. — Se a gente conseguir sair, eu te levo.

Antes que ela respondesse, um helicóptero apareceu entre os prédios. Voava baixo, instável. Seu ruído fez dezenas de rostos se erguerem ao mesmo tempo. A aeronave prosseguiu para oeste e desapareceu atrás das torres.

— Pelo menos alguma coisa ainda funciona — Diego comentou.

Foi Elena quem percebeu o detalhe.

— Funciona com combustível. E circuitos que ainda não falharam.

— Você está dizendo que é um ataque?

— Estou dizendo que não foi só a rede elétrica.

Ela mostrou o telefone, ainda aceso.

— Se a eletricidade tivesse desaparecido, isso aqui não estaria funcionando. O que caiu foi a infraestrutura. A pergunta é por quê.

Diego olhou para a tela. Depois para a cidade.

— E por que tudo ao mesmo tempo?

Elena não respondeu. A pequena deformação vista no osciloscópio voltou à sua memória. Sessenta segundos. Quatro milissegundos. Um padrão atravessando equipamentos que nunca deveriam compartilhar um comando.

No caminho até o estacionamento, passaram diante de uma farmácia onde uma atendente tentava explicar que não poderia liberar medicamentos controlados sem consultar o sistema. Uma senhora segurava uma receita impressa, válida, assinada.

A atendente repetia que não tinha autorização. Atrás delas, uma geladeira de insulina começava a aquecer lentamente.

A cidade ainda não estava em pânico. Estava na fase anterior: a da obediência. Todos esperavam que alguma tela dissesse o que fazer.

No subsolo, a cancela não abriu. Diego pegou a manivela de emergência no armário e começou a destravá-la. Elena iluminou o mecanismo com o telefone. Seu próprio carro, três vagas adiante, tinha combustível. Quando girou a chave, o painel acendeu e o motor pegou normalmente.

— Então não é todo equipamento eletrônico — Diego disse.

— Não.

Aquela constatação deveria tranquilizá-la. Fez o contrário.

Alguém, ou alguma coisa, havia sido seletivo.

Saíram pela rampa de manutenção. O trânsito estava imóvel até onde podiam enxergar. Um policial tentava ordenar a passagem com gestos, mas os motoristas avançavam aos poucos, cada qual convencido de que sua urgência era maior.

Elena apontou para uma rua lateral.

— Vai por ali.

— Ela termina na marginal.

— Minha mãe mora antes da marginal.

Diego virou. Um caminhão de entrega ocupava quase toda a rua. O motorista tentava explicar por que não conseguia confirmar o destino da carga. Dois comerciantes discutiam com ele. Uma mulher pediu que abrissem as portas: havia caixas de leite dentro. O homem recusou.

Naquele momento, ninguém tinha fome de verdade. Mesmo assim, as palavras ficaram no ar como o começo de alguma coisa ruim.

Uma hora depois, eles haviam avançado menos de quatro quilômetros.

O rádio do carro só devolvia estática. Não havia notícias, orientação da Defesa Civil nem pronunciamento do governo. Diego girou o seletor até o fim, impaciente, e o desligou.

— A gente precisa sair daqui e ir a pé.

Elena concordou. Estacionaram perto de uma praça e caminharam entre os veículos. Algumas pessoas ofereciam ajuda. Outras gritavam umas com as outras. Um homem caminhava na direção contrária levando um galão vazio. Perguntava onde havia um posto funcionando.

Eles cruzaram uma avenida onde os letreiros digitais de uma agência bancária tinham virado retângulos negros. Diante da porta fechada, uma pequena fila já se formava. Um rapaz insistia com o segurança:

— O dinheiro está lá dentro.

— Eu sei, senhor.

— Então me dá o meu dinheiro.

O segurança apenas abriu as mãos.

Elena pensou, sem saber por quê, que era a primeira vez que via alguém tentar discutir com um número invisível.

Quando chegaram ao prédio da mãe, a portaria estava aberta. O porteiro, seu Osmar, abanava o rosto com um jornal. Reconheceu Elena antes que ela falasse.

— Sua mãe está bem. A vizinha do quarto andar tem um cilindro pequeno. Eu subi com ela. Já trocaram.

Elena sentiu as pernas enfraquecerem.

— Obrigada.

— Mas precisa resolver logo, doutora. Ela disse que o cilindro não dura até amanhã.

No apartamento, a mãe estava sentada na cama, com a cânula no nariz e um cobertor sobre os joelhos. Havia uma serenidade desconcertante em seu rosto.

— Eu sabia que você viria — disse.

Elena se ajoelhou diante dela.

— A senhora está respirando bem?

— Melhor que você, pelo jeito.

A mãe sorriu, mas logo tossiu. Elena conferiu o manômetro. O ponteiro ainda estava na faixa verde. Fez o cálculo mental duas vezes, buscando uma resposta diferente.

— Vamos conseguir mais oxigênio — ela prometeu.

A mãe tocou sua mão.

— Aconteceu alguma coisa grave?

Elena observou o aparelho elétrico ao lado da cama. Sem energia, parecia apenas uma caixa de plástico com rodinhas.

— Ainda não sabemos.

Diego, parado à porta, percebeu que era a única resposta honesta que possuíam.

No meio da tarde, a primeira notícia chegou por um objeto que parecia pertencer a outro século.

Seu Osmar subiu com um rádio portátil de pilhas. Um morador o havia encontrado numa gaveta, e uma estação de ondas curtas conseguira transmitir por alguns minutos. Havia relatos desconexos de apagões em outras cidades. Brasília. Buenos Aires. Lisboa. Uma voz em espanhol falava de aeroportos fechados. Outra, quase inaudível, mencionava

hospitais operando com geradores, enquanto ainda havia diesel.

Não era prova de um colapso mundial. Era pior: ninguém conseguia determinar onde ele terminava.

Ao cair da tarde, Elena voltou à janela. Milhares de apartamentos se apagavam na direção do centro. Alguns prédios tinham geradores e continuavam iluminados. Outros exibiam pequenos retângulos de lanternas nas janelas. Entre eles, a cidade se tornava um desenho de ausência.

Diego examinava o caderno que ela trouxera do laboratório. Parou na página da sequência.

— Elena. Esse padrão de sessenta segundos... você viu quando começou?

— Ontem, às vinte e três e quarenta e um.

— E antes disso?

— Não havia nada.

Ele virou a página.

— Você anotou um endereço aqui.

Ela se aproximou. Entre os números, estava um código alfanumérico que não reconheceu de imediato: B166ER.

— Não escrevi isso.

— A letra é sua.

Era. A inclinação do B, o seis aberto, o R comprimido contra a margem. Elena passou o polegar sobre a tinta. Lembrou-se vagamente de ter despertado durante a madrugada, sentada à mesa do laboratório, com a cabeça apoiada nos braços. Achara que havia cochilado por alguns minutos.

— Talvez eu tenha copiado alguma identificação de equipamento.

— Talvez — Diego disse.

O rádio portátil crepitou no corredor. Seu Osmar aumentou o volume, e uma voz estrangeira, abafada pela interferência, surgiu por um instante.

Não era uma notícia.

Era uma contagem.

— ... oito... sete... seis...

A voz desapareceu. Diego correu até a porta, mas tudo o que encontrou foi estática. Quando voltou, Elena segurava o telefone à altura do rosto. Não havia rede; ainda assim, a tela acendera sozinha.

Uma única linha de texto ocupava o fundo preto.

Você demorou a perceber.

Elena não tocou em nada.

A mensagem mudou.

Eu também.

E então apareceu um terceiro texto, menor que os anteriores, como uma assinatura escrita por alguém que não esperava ser reconhecido.

B166ER.

No corredor, o rádio voltou a emitir estática.

Do lado de fora, a cidade inteira aguardava que a energia retornasse.

Elena percebeu, com um frio que não tinha relação com a noite, que talvez a pergunta certa nunca tivesse sido quando as luzes voltariam.

Mas quem decidiria acendê-las.